

## “O INFERNO SÃO OS OUTROS”

### Conflitos, identidades e transfiguração do Yoga no campo religioso brasileiro

Raphael Lugo Sanches<sup>i</sup>

Jamais compreendemos o bastante. Quem difere de nós – estrangeiro, adversário político – passa, quase necessariamente, por mau (BLOCH, 2001, p. 18).

Todorov escolheu contar uma história, “uma história exemplar”, através dos vários relatos da descoberta e conquista da América, para responder à pergunta de como o *eu* se comportar em relação ao *outro* - “Quero falar da descoberta que o eu faz do outro” (TODOROV, 2003, p. 3), é a frase que inaugura a obra datada de 1983. Para ele, o encontro entre os europeus e os nativos da América ao longo do século XVI, é o exemplo mais emblemático da questão do contato do *eu* com o *outro*, da descoberta, do estranhamento e até mesmo da possibilidade de se “descobrir os outros em si mesmo” (Idem).

De acordo com ele, é a partir do confronto com aquilo que identificamos como diferente do que somos, que se forma a idéia abstrata do *eu*. “Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, o outro ou outrem em relação a *mim*” (idem). É em relação ao *outro* que se afirma e reconhece o *eu*, que se descobre o outro em si mesmo e pode-se descobrir si mesmo no outro, também. Evidente que essa dialética do *eu* e do *outro* não se dá apenas em âmbito individual, mas também coletivo, quando, por exemplo, concebe-se o *outro* “como um grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos” (idem). Acontece que uma questão está estritamente relacionada à outra; as impressões e percepções que eu formo em relação aos outros, são os elementos constituintes da minha própria identidade, da forma como me percebo e de como quero que os outros me percebam.

Dessa forma, a presente investigação gira em torno de algumas problemáticas sobre a formação das identidades, alteridade e sobre o contato do *eu* com o *outro*. Nesse caso, o *eu* é representado por algumas instituições e lideranças cristãs, tanto evangélicas como católicas, e o *outro* é representado por esse elemento da cultura asiática cada vez mais popular no ocidente e no Brasil, o Yoga<sup>ii</sup>.

A primeira questão que se impõe é saber: como o *eu* cristão-ocidental<sup>iii</sup> tem percebido e recebido os elementos representativos do oriente, do *outro*? Como os líderes

das instituições religiosas cristãs têm tratado a crescente inserção de elementos culturais da espiritualidade hindu no ocidente? Mais especificamente, interessa-nos investigar como alguns segmentos da igreja cristã têm interpretado a prática do Yoga por seus fiéis. Poderá um cristão evangélico praticar Yoga? E um católico? Serão compatíveis os valores da religiosidade cristã com uma prática oriunda da cultura hindu? Quais são as percepções que os cristãos estão tendo em relação à possibilidade do contato com o Yoga?

### **Um pouco de Yoga, um pouco de história, um pouco de história do Yoga**

Como afirma o antropólogo Tales Nunes, “definir o Yoga é definir a busca humana<sup>iv</sup>”, já que o seu propósito está diretamente relacionado à busca pela transcendência dos elementos que condicionam o ser humano.

O Yoga é considerado um dos seis *darshanas*<sup>v</sup>, ou seja, uma das seis escolas filosóficas reconhecidas pelo hinduísmo ortodoxo, podendo ser entendido, portanto, como ‘um ponto de vista do caminho para si mesmo’. Eliade define Yoga como sendo “os meios para se atingir o Si-próprio, as técnicas adequadas para se atingir a liberação (*moksa, mukti*) - a soma destes meios é que constitui propriamente o Yoga” (ELAIDE, 2009, p. 19). Remontando a uma conceituação mais antiga e tida como clássica na literatura do Yoga, aquela contida no *Yoga-Sutra* de *Patañjali*<sup>vi</sup>, temos uma visão mais ampla sobre ele. No sutra II do primeiro capítulo, está escrito que “O yoga é o recolhimento [*nirodha*] dos meios de expressão [*vrttis*] da mente [*citta*]” (BARBOSA, 199, p. 43)

Pedro Kupfer comenta que:

A partir da definição de Patañjali, *Yoga é a supressão da instabilidade da consciência*, vemos que a prática começa numa sede profundo de transcender os condicionamentos humanos; vemos a necessidade de tornar cósmico o homem, de desenvolver suas potencialidades para conquistar a iluminação. O método através do qual o Yoga pretende atingir esse objetivo é a execução de técnicas que possuem como único objetivo aniquilar, um a um, os diferentes condicionamentos que escravizam o homem. Os condicionamentos não nos deixam em paz e nos fazem repetir os mesmos erros, ano após ano, *ad eternum*. Para sair da roda do Karma, ou seja, alcançar a liberdade verdadeira, o yogi precisa aniquilar um a um esses condicionamentos na sua própria fonte: o inconsciente, a parte escura do ser (KUPFER, 2001, p. 18-19).

A partir disso, pode-se compreender o Yoga como um conjunto de técnicas, uma filosofia de vida prática e uma metodologia milenar de caráter iniciático que possui um

propósito bem específico: ‘a aniquilação dos condicionamentos que escravizam o homem’ e sua conseqüente unificação com *Purusha*, com *Atman*<sup>vii</sup>. Portanto, de acordo com Pedro Kupfer e Mircea Eliade, essa seria a meta, o propósito do Yoga: libertar o homem do julgo da temporalidade e da historicidade para, então, se aprofundar na busca de seu verdadeiro ser, daquilo que não é condicionado pelos fatores externos.

Não é fácil esboçar uma história do Yoga, muito menos dos povos que o teriam criado, sobretudo pela falta de consenso entre arqueólogos, historiadores, lingüistas, etc. Contudo, concorda-se que o Yoga é um elemento cultural dos antigos habitantes das margens dos rios Indo e Sarasvatî, do território que hoje corresponderia às dimensões geográficas do nordeste do Paquistão e noroeste da Índia. Essas discussões ganharam alento, sobretudo, a partir da década de 1920 quando, em 1921 e 1922, Daya Ram Sahni e R. D. Banerji, foram responsáveis pelo encontro das ruínas de Harappá e Mohenjo-Daro (KUPFER, 2000).

Nesses sítios arqueológicos, foram encontrados vários sinetes que além de conterem frases grafadas, também contêm inscrições pictóricas de divindades, animais, paisagens, etc. Uma das referências digna de nota é justamente um sinete de barro cozido encontrado nas escavações arqueológicas no Vale do rio Indo (território correspondente ao atual Paquistão), cuja imagem retrata uma “figura” sentada em *padmasana* (a postura do lótus), trajando uma pele de tigre e envolta por animais. Em função das suas similaridades, essa figura passou a ser identificada ao deus Shiva que é tido por muitos como sendo o criador do Yoga, o “arquétipo do yogin (praticante de yoga), e considerado até hoje como a divindade tutelar do yoga” (GULMINI, 2002, p. 15).

Não obstante, “os objetos arqueológicos encontrados no vale do rio Indo, por si sós, não são suficientes para demonstrar a existência de alguma forma de Yoga na Índia antiga védica” (KALYAMA, 2003, p. 54). Por outro lado, os estudos que estão sendo desenvolvidos através da confrontação entre os achados arqueológicos e o conteúdo dos Vedas, sobretudo, do Rig-Veda, atestam que há uma notória ligação entre ambos, o que possibilitou a decifração da escrita da civilização do Indo e Sarasvatî e vem possibilitando a decifração gradual dos milhares de sinetes que ainda estão por ser estudados. Além disso, de acordo com esses estudos:

A análise dos dados astronômicos contidos no Rig Veda indica que a data do início desta civilização pode situar-se com anterioridade ao ano 6500 a. C. Alguns sítios arqueológicos datam de 7000 a. C. Registros

proporcionados por scanner satelital francês SPOT e pela equipe arqueológica indo-francesa que trabalhou na área nas décadas de 1980 e 1990, indicam que a descrição da geografia que aparece no Rig Veda coincide com a do norte da Índia, com anterioridade ao ano 3000 a. C. (KUPFER, 200, p. 64).

Dito de outra forma, tanto as referências literárias como arqueológicas têm levado os estudiosos a apontarem essa civilização como sendo o berço do Yoga. A essa civilização, onde teria se desenvolvido milenarmente o Yoga, dá-se o nome de civilização do Indo-Sarasvatî, harappianos, védicos, meluhhanos e/ou dravídicos.

### **Yoga à ocidental**

Durante séculos o Yoga foi ignorado pelos ocidentais – e é certo que em certa medida ainda o ignoram -, e mesmo depois dos contatos mais intensos entre ocidente e oriente iniciados após a chegada de Vasco da Gama e sua frota ao continente asiático, em fins do século XV, continuou esquecido ou pelo menos ignorado por um bom tempo. Seria necessário esperar o intercâmbio cultural mais intenso entre o ocidente e o oriente, iniciado em fins do século XIX, para que o Yoga triunfa-se e se fizesse conhecido nos continentes europeu e americano. Durante esse período, alguns indianos passaram a freqüentar as universidades européias e americanas, bem como um bom número de ocidentais foram à Ásia para aprender as técnicas e filosofias do Yoga. Alguns atravessaram o oceano com a intenção e missão de difundirem esse saber milenar entre a cultura do *outro*, é o caso de Paramahansa Yogananda, que foi mandado por seu mestre aos Estados Unidos da América com essa missão e em poucos anos fundou organizações de disseminação e fomento da cultura do Yoga nesse país<sup>viii</sup>.

Acredita-se que ao longo do século XX, com a intensificação de trocas culturais entre um lado e outro, processou-se uma ‘orientalização do ocidente’<sup>ix</sup>, ou seja, a incorporação de elementos éticos, filosóficos e religiosos orientais na visão de mundo ocidental. É óbvio que tal intercâmbio existiu em séculos anteriores, em maior ou menor grau, mas esse século parece representar o momento em que a transculturação do Yoga atinge seu ápice, em que ele visivelmente é transformado em um produto transcultural<sup>x</sup>.

Apesar das inconsistências que encontramos entre um e outro escrito, há um marco inicial comum a todos para o início das atividades relacionadas ao Yoga no Brasil; como aponta Vitor Caruso:

[...] indiscutivelmente a prática do yoga no Brasil se inicia com os trabalhos do francês Leo Alvarez Costet de Mascheville (1901 – 1970), denominado Swami Sevananda, que segundo a própria biografia divulgada pela Ordem que fundou, Ordem dos Sarvas Swamis, instalou-se no Uruguai em 1932, e de lá, parte em junho de 1952, de jipe e trailer por uma jornada pelo Brasil. Ele e sua segunda esposa, Sadhana, chegam a Resende, no Rio de Janeiro em 1953. Existem informações prévias sobre um grupo de estudo de Lages (SC), que não se encontra registro em documentos oficiais. Tenho em mãos cópias oficiais dos documentos de fundação do Monastério Amo-Pax, (AMO significa Associação Mística Ocidental) que possui fundação legal em 29/10/1953 e fundação mística (ou celebração de inauguração, como queira) em 20/11/1953. Nos documentos de fundação, relata-se até a presença do cão Nero que insistiu em assistir (CARUSO,2011)<sup>xi</sup>.

Atribui-se a introdução do Yoga no Brasil na década de 1950 a um francês, Leo Costet, que ficou historicamente conhecido como Sevananda Swami<sup>xii</sup>; disso, depreende-se que o Yoga introduzido no Brasil por Sevananda era de conotação mística e ministrado em clima de monastério. Esse monastério teria durado até inícios da década de 1960, quando da sua dissolução; como aponta DeRose, “com Sêvánanda aprenderam Yôga todos os instrutores da velha guarda. E quando dizemos velha guarda, estamos nos referindo aos que lecionavam na década de 60” (DE ROSE, 2007, p. 29).

Na década de 1960, destacam-se os trabalhos do general Caio Miranda, que de fato ocupa lugar de destaque na história do Yoga no Brasil, não apenas por ter ministrado aulas, palestras e cursos de formação de instrutores, mas também e principalmente por ter sido o primeiro autor brasileiro de um livro de Yoga, “A Libertação Pelo *Yoga*”, publicado pela Editora Freitas Bastos em 1960 e ainda ter aberto o Instituto de Yoga<sup>xiii</sup> cuja direção esteve sob sua responsabilidade durante anos. Dois anos depois, em 1962, outra importante obra desse mesmo autor foi publicada pela mesma editora, “Hatha-Yôga: a Ciência da Saúde Perfeita”. Além dessas duas obras, Caio Miranda escreveu outras referentes ao Yoga, mas foram essas que exerceram maior influência na época, sobretudo, na formação de novos instrutores.

Nessa mesma década outros professores se destacaram, sobretudo em função da publicação de obras relacionadas ao Yoga. Nesse caso insere-se o professor Hermógenes com seu livro “Autoperfeição com Hatha Yoga” que, em 2011, ultrapassou sua 50ª edição. Esse mesmo professor fundou, em 1962, a Academia Hermógenes<sup>xiv</sup>, que está atuando até hoje na prática, ensino e propagação do Yoga no Brasil. Nessa mesma década, se destacam os trabalhos da professora Maria Helena de Bastos Freire que, hoje, com mais de 80 anos

de idade, comanda as atividades do Centro de Estudos de Yoga Narayana<sup>xv</sup>, fundado em 1966 em São Paulo. Concomitante, surge a atuação do professor Luís Sérgio Álvarez De Rose que, anos mais tarde, ficaria conhecido como mestre De Rose por seus alunos. Em 1964 fundou o Instituto Brasileiro de Yoga e em 1969 publicou seu primeiro trabalho bibliográfico sobre o Yoga, o “Prontuário de Yoga Antigo”. Suas obras são causadoras de grande polêmica, pois defende categoricamente a existência de um Yoga Antigo, pré-clássico, pré-védico, denominado *Dakshinacharatantrika-Niríshwarasámkhya Yôga*, o qual diz ter sistematizado após sucessivas viagens à Índia – o Swásthya Yôga; contudo, tal afirmativa carece de legitimação, já que não possui o reconhecimento dos demais agentes atuantes no campo do Yoga (BOURDIEU, 2010) e não pode ser historicamente comprovada. Em 1975, De Rose fundou a então chamada União Nacional de Yoga, que tinha como objetivo a congregação de instrutores, professores e escolas de todas as modalidades de Yoga. Hoje sabemos que tal união não se efetivou, pelo contrário, houve uma fragmentação entre as escolas e modalidades de Yoga no Brasil.

### **Descobertas e apropriações do *outro*: respostas e posicionamentos de lideranças cristãs em relação ao Yoga.**

O Yoga desenvolvido no Brasil a partir da década de 1960 não se encaixava no “paradigma bramânico”, de conotação mística tal como introduzido por Sevananda em 1953, mas sim na perspectiva terapêutica, como no caso do professor Hermógenes<sup>xvi</sup>. Ainda assim, a aceitação do Yoga por muitos segmentos religiosos não foi muito positiva, alegando-se que há muito misticismo envolto nos “exercícios do Yoga” (misticismo quase sempre relacionado ao hinduísmo e, portanto, ao politeísmo e ao paganismo). Por outro lado, é válido lembrar que nem todas as instituições religiosas se posicionaram de forma hostil a introdução do Yoga no Brasil, como no caso de alguns representantes da igreja católica, como veremos adiante.

Com apontado, a descoberta do *outro* e a formação de identidades sociais (o *eu* abstrato de Todorov) se dá no conflito e no confronto entre o *nós* e os *outros*, entre aquilo que é comum e diferente a mim. Da mesma forma, ao ser disseminado pelo globo com maior intensidade nos últimos anos, o Yoga muitas vezes tem sido referido e entendido como uma ameaça aos valores cristãos, como sendo elemento de uma cultura estranha ao ocidente. Se valendo da metáfora de Lucien Febvre, em partes isso tem ocorrido em função

dessa “prodigiosa aceleração da velocidade que, encaixando os continentes, abolindo os oceanos, suprimindo os desertos, põe bruscamente em contato grupos humanos carregados de eletricidades contrárias” (FEBVRE, 1989 , p. 43).

É o caso de alguns grupos religiosos, que além de serem influenciados e modificados a partir do contato com esse elemento transcultural, se posicionam contra sua assimilação, elegendo o Yoga como inimigo pernicioso (fruto do paganismo) e combatendo-o através da formulação de discursos de aniquilação e demonização do Yoga.

“Atenção ao vizinho”, dizemos aqui. Dele vem o perigo. Mesmo que ele não vos queira mal, estabeleceu-se já entre os homens – brancos, negros e amarelos -, uma proximidade tal que qualquer movimento de uns se repercute imediatamente nos outros. Um tal acotovelamento. O que não quer dizer uma tal fraternidade. Pois que estranhos, que inquietantes vizinhos à nossa volta! Homens, já diz tudo (Lucien Febvre, 1946).

### **Deveriam os cristãos se afastarem do Yoga por causa das suas raízes demoníacas?**

Respondendo a essa indagação, o pastor norte americano Mark Driscoll iniciou sua pregação que pouco tempo depois foi publicada na internet em formato áudio visual. O vídeo disponibilizado no You Tube<sup>xvii</sup> é uma admoestação do líder religioso para os cristãos se afastarem do Yoga o quanto antes, pois se trata de uma prática demoníaca disfarçada de exercícios físicos. Sua resposta à pergunta foi curta e pontual: “Totalmente: Yoga é demoníaca<sup>xviii</sup>”.

Trata-se da formação de um discurso performativo que delimita uma fronteira imaginária entre aspectos do *eu* e do *outro*, colaborando assim para a elaboração de identidades e sentimentos de pertença a um grupo ou a um conjunto de idéias. Driscoll aponta que Yoga é hinduísmo e, portanto, “é paganismo absoluto”.

Paganismo, ou melhor, pagão, é um termo bastante arcaico e já utilizado pelos cristãos (romanos) para designar aquele que não era cristão. Assim, judeus, muçulmanos, hindus e adeptos de muitas outras religiões já foram indicados depreciativamente como pagãos - sobretudo hindus, em função da estrutura politeísta de sua crença. Não é de se estranhar que o Yoga, que tem suas raízes na ‘Índia antiga’, fosse alvo de críticas por parte de lideranças e instituições cristãs no ocidente. Para Driscoll, por exemplo, “Yoga, meditação e hinduísmo são todos aberturas para o demônio<sup>xix</sup>”; o que vem do oriente,

portanto, do *outro*, passou a ser incorporado aos discursos religiosos como uma ameaça a fé cristã e passou a ser representado como obra do demônio/satanás, o grande inimigo do cristianismo.

Dessa forma, algumas lideranças e instituições religiosas na América do Norte e logo depois na América Latina, em especial no Brasil, passaram a veicular discursos e representações<sup>xx</sup> aversivas em relação à prática de Yoga por seus fiéis; assim, a filosofia e prática do Yoga passou a representar o meio pelo qual o demônio ou o mal se manifestaria, estando assim, o praticante, vulnerável às forças malignas.

Os discursos e testemunhos de lideranças religiosas no Brasil acerca do Yoga que utilizaremos, foram quase todos publicados no meio virtual – redes sociais, sites e blogs de instituições - entre os anos 2008 e 2012. Acreditamos que cada vez mais os espaços virtuais têm se constituído como profícuo indicador dos comportamentos humanos, das relações e dos conflitos sociais e, por isso, merecem ser considerados como campo de investigação ao historiador/pesquisador.

O pastor Michel Cruz da igreja Assembléia de Deus Leiria, em 18 de outubro de 2008, publicou um artigo dedicado ao esclarecimento dos fiéis sobre Yoga e seus perigos inerentes. Yoga, diz ele,

é uma filosofia oriental, que, contrariamente ao que a maioria das pessoas da nossa sociedade pensa, visa, também, o aspecto espiritual. A idéia que se tem é de que o Yoga só tem a ver com o aspecto físico, uma ginástica alternativa, portanto! Mas esta é uma idéia errada como veremos mais adiante<sup>xxi</sup>.

Esse é um discurso corrente, de que o Yoga é “ocultismo disfarçado de exercício físico”; aliás, esse é o tema de um volume da revista Resposta Fiel publicada pela assembleia de Deus, já analisada por Rodrigo Wolff Apolloni<sup>xxii</sup>. O editorial dessa publicação leva o título “O engano que vem do oriente” e, como demonstrado por Apolloni, faz uso de adjetivos ‘paganismo’ e ‘demoníaco’ para se referir ao Yoga como desviante da fé cristã.

No mesmo artigo, Apolloni mostra que os assembleianos posicionam-se com completo repúdio a toda e qualquer modalidade de Yoga. Em relação aos evangélicos, em geral, apresenta argumentos contundentes, que condenam não só o Yoga, mas principalmente a meditação “oriental”, meditação esotérica a serviço de forças ocultas



anticristãs, tida como desviante. Vários discursos tendem a enquadrar o Yoga ao movimento Nova Era; é o caso do tal pastor assembleiano Michel Cruz:

O Yoga também é uma das práticas espiritistas divulgadas pelo Movimento Nova Era. Aliás, o símbolo da foto (Yin e Yang), representa o equilíbrio entre as forças contrárias: negativo e positivo, bem e mal, preto e branco. O bem e o mal são a mesma coisa, apenas são vibrações altas ou baixas. Assim, a Nova Era afirma que Deus e Lúcifer se completam, pois as forças opostas são partes da mesma perspectiva divina. O Yin Yang é o símbolo do Taonismo, religião da China. O Yin está associada à escuridão, à água e ao feminino. O Yang à luz, à actividade, ao ar e ao masculino<sup>xxiii</sup>.

Aqui o Yoga é enquadrado em um movimento cultural que via de regra é interpretado como oposto aos valores cristãos. A Nova Era, o *outro*, representa uma ameaça à formação e manutenção da identidade social assembleiana. Daí a formulação daquilo denominado por Frank Usarski como “retórica da aniquilação<sup>xxiv</sup>”:

Tal elemento retórico surge tipicamente numa situação de competição entre 'realidades sociais' contraditórias, ou seja, quando diferentes 'concepções do mundo' se encontram e pelo menos um dos partidos sente a necessidade de defender o próprio 'universo simbólico' diante de dada alternativa (USARSKI, 2001, p. 91).

Portanto, a retórica de aniquilação, pautada nos elementos “negativos” do outro, é uma forma de defesa à ameaça oriental, pagã e politeísta. No mesmo movimento, ao aniquilar o outro através de discursos, seleciona-se elementos simbólicos inerentes ao seu universo, destacando-os como qualidades legítimas formadoras da identidade do grupo. Tudo que esteja aquém dessa fronteira imaginada, forma o *nós*, e tudo que estiver além dessa fronteira, os *outros*, pois a divisão, que é um ato arbitrário, também se concentra no âmbito do poder simbólico (BOURDIEU, 2010). Assim, “existir socialmente é também ser percebido como distinto” (Idem, p. 118), numa constante luta pelo acúmulo de bens simbólicos, definidores e mantenedores das identidades.

De forma similar, representantes do cristianismo católico se pronunciaram a respeito do perigo que o Yoga pode exercer sobre os cristãos. O padre Gabriel Amorth, chefe dos exorcistas no Vaticano há 25 anos, se manifestou a respeito com as seguintes palavras: “Você acha que está fazendo algo para relaxar, mas ela te leva ao hinduísmo. Todas as religiões orientais são baseadas na falsa crença da reencarnação<sup>xxv</sup>”. Tal como no

discurso de alguns líderes evangélicos, seu discurso está pautado na delimitação entre ocidente e oriente, colocando como condenável tudo aquilo que esteja além dessa fronteira ocidental (imaginária), tudo aquilo que se refira ao outro.

Para Usarski, “os aniquiladores aparecem com a finalidade de manter a plausibilidade interna do seu grupo ao diminuir a posição e desvalorizar retoricamente a qualidade de uma ideologia adversa” (USARSKI, 2001, p. 91). Assim, através de discursos performativos anunciados por autoridades religiosas, o Yoga vêm sendo interpretado e representado de forma depreciativa, como elemento oriundo de uma cultura distinta e estranha.

Em contrapartida, há o caso do padre jesuíta Haroldo, norte-americano naturalizado brasileiro, que é responsável pela disseminação da Yoga Cristã no Brasil. Haroldo faz uso de conhecimentos e técnicas do Yoga adaptadas ao ensinamento cristão. Ao contrário dos casos anteriores, onde ocorria uma espécie de choque cultural entre o Yoga e o cristianismo, aqui há a fusão dos elementos de ambos, numa hibridação cultural entre cristianismo e Yoga. Em seu blog, padre Haroldo divulga esses ensinamentos; para ele “existem determinados elementos fundamentais para que se dê a entrada na consciência cósmica e universal que nos leva ao Cristo Cósmico. Esses elementos são: relaxamento profundo, concentração, mantras (cânticos), músicas e exercícios energéticos<sup>xxvi</sup>”. O que se tem aqui, portanto, é a adaptação de conhecimentos e técnicas do Yoga ao universo cristão, com mudanças nas nomenclaturas, mas com a manutenção da essência do pensamento hindu. Esse talvez seja um dos mais fortes exemplos de transculturação do Yoga no Brasil.

## **Reflexões finais**

“O inferno são os outros”, escreveu Sartre. Salvo as digressões e anacronismos, a sentença parece ser conveniente para expressar o posicionamento de alguns segmentos cristãos em relação ao Yoga, sobretudo no Brasil. Em entrevista dada em 1965, Sartre esclarece:

Mas “o inferno são os outros” tem sido sempre mal compreendido. Muitos crêm que eu disse nesta frase que nossas relações com os outros são sempre envenenadas, são sempre relações infernais. Ora, o que pretendo mostrar é coisa muito diferente. O que quero dizer é que se nossas relações com o outro estão distorcidas, viciadas, o outro não pode ser senão o inferno. Por que? Porque os outros são, no fundo, o que há de

mais importante em nós para o conhecimento de nós mesmos. Quando pensamos em nós, quando buscamos nos conhecer, usamos, no fundo, os conhecimentos que os outros já produziram sobre nós. Nós nos julgamos com os meios que os outros nos deram para nos julgar. O que quer que eu diga sobre mim, sempre o julgamento do outro vive em meu íntimo<sup>xxvii</sup>.

Novamente se interpõe a questão do *nós* e dos *outros* e sua dialética edificante: há muito de *nós* nos outros e muito dos *outros* em nós. É a sentença de Sartre.

Retomando as problemáticas esboçadas no início do texto, vimos que os “discursos de aniquilação do Yoga” emitidos por autoridades representantes de alguns segmentos religiosos, tanto protestantes como católicos, estão relacionados à tentativa de manutenção e proteção das identidades sociais. É o estranhamento do *eu* frente ao *outro*, encarado, por vezes, como ameaça. Contudo, vimos também o exemplo emblemático do padre Haroldo que, ao invés de demonizar e depreciar o *outro*, faz uma síntese entre valores cristãos e a prática do Yoga - postulando a Yoga Cristã. Esse é o quadro que esboçamos para tentar entender “como o eu se comporta em relação ao outro”: ora assimilando, ora repudiando, ora pacífico, ora belicoso, assim tem-se forjado as identidades e relações sociais no campo religioso brasileiro, sobretudo no que diz respeito ao contato com *outro* oriental.

À pergunta “um católico pode praticar Yoga”, Dom Henrique faz a necessária distinção, “a Yoga somente como exercício: sim, um cristão pode praticá-la”, mas desaconselha a meditação transcendental “essa é desaconselhável! As idéias religiosas e a “filosofia”, sejam da Yoga, sejam da Meditação Transcendental: de modo nenhum! São totalmente incompatíveis com o cristianismo<sup>xxviii</sup>”. Por fim, lembramos a ressalva feita pelo medievalista francês ainda em 1944 de que “uma caderneta de experiências não se confunde com o diário, minuto por minuto, do que acontece dentro do laboratório” (BLOCH, 2001, p. 129), para pensarmos que, muito possivelmente, da mesma forma os discursos de algumas autoridades religiosas não refletem necessariamente as práticas cotidianas de seus fiéis, ainda que possam exercer muita influência sobre elas.

## Notas

---

<sup>i</sup> Mestrando em História pelo PPGH, da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

<sup>ii</sup> Válido lembrar que “o Yoga não é uma religião no sentido convencional, mas uma espiritualidade, um esoterismo, um misticismo. Não obstante, quando examinamos com atenção o Hinduísmo, o Budismo, o Jainismo e o Sikhismo, vemos que o Yoga, via de regra, não se vincula apenas às cosmologias, mas também às crenças e práticas religiosas dessas tradições. Esse fato se erigiu em obstáculo para muitos dentre os que praticam o Yoga no Ocidente, que nem dispõem de informações seguras acerca dessas tradições nem, muitas vezes, se sentem a vontade dentro da sua própria tradição religiosa, seja ela o Cristianismo, seja o Judaísmo” (FEUERSTEIN, p. 125)

<sup>iii</sup> “Tanto oriente quanto ocidente são conceitos criados a partir da Europa, em momentos históricos específicos e com finalidades específicas. A idéia de oriente relaciona-se ao “outro”, ao “diferente”, enquanto ocidente significa, neste contexto discursivo, aquilo que “nos é familiar”. Assim, ocidente e oriente não são de maneira alguma locais geográficos previamente existentes, mas sim construções sociais e discursivas criadas para diferenciar e classificar culturas e civilizações” (GNERRE, 2011, p. 24).

<sup>iv</sup> Disponível em: <http://www.vidadeyoga.com.br/?p=1953>. Acessado em 03 de Junho de 2011.

<sup>v</sup> No sentido literal, “ponto de vista”; sistema de pensamento indiano, escolas ou visões da Índia antiga.

<sup>vi</sup> A data aproximada para a redação desse texto situa-se entre os séculos IV a.C. e V d.C.

<sup>vii</sup> Referem-se à alma humana, a parte inexprimível e que não é afetada pelos condicionamentos históricos e temporais.

<sup>viii</sup> Ver a obra “Autobiografia de um Yogi”, onde Paramahansa conta como foi designado por seu mestre para tamanha empreitada.

<sup>ix</sup> Ver: CAMPBELL, C., “A Orientalização do Ocidente: Reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio”, in *Religião e Sociedade*, 18/1, 1997, p. 5 a 21.

<sup>x</sup> “Podemos definir um “produto transcultural” como sendo todo elemento cultural local que abandona seus limites geográficos iniciais para alcançar uma abrangência global” (APOLLONI, 2004, p. 51). Esse parece ser o caso do Yoga, tanto no ocidente como especificamente no Brasil.

<sup>xi</sup> Disponível em: <http://cienciameditativa.blogspot.com/2010/04/historia-do-yoga-no-brasil-revelada.html>. Acessado em 29 de Março de 2011, às 14h e 30 min.

<sup>xii</sup> Segundo De Rose “Ele colocava o termo swami no final do nome, o que era uma declaração de que não se tratava de um swami (monge hindu), mas que usava essa palavra como sobrenome, e isso confundia os leigos. Muitos desses leigos se referiam a ele como “Swami” Sêvânanda, pois um dos mais relevantes Mestres de Yôga da Índia, que viveu na época, chamava-se Swami Sivânanda” (DEROSE: 2007, p. 26).

<sup>xiii</sup> A matriz situava-se na Rua Visconde de Pirajá, 22 – 2º andar -, Ipanema/RJ. Em 1966, o instituto contava com mais de uma dezena de sucursais espalhadas pelo território brasileiro – São Paulo, Belo Horizonte, Niterói, Bahia, Brasília, Divinópolis, Sete Lagoas, Uberaba, Pedro Leopoldo, Bauru, Curvelo, Barra Mansa etc.

<sup>xiv</sup> Disponível em: <http://www.profhermogenes.com.br/site/>. Acessado em 25 de Abril de 2011.

<sup>xv</sup> Disponível em: <http://www.yoganarayana.com.br/index2.html>. Acessado em 25 de abril de 2011.

<sup>xvi</sup> Exemplo emblemático é sua obra “Yoga para nervosos”, da década de 1960, onde propõe a aplicação de técnicas do Yoga à serviço da cura de sofrendores dos nervos e reclama o título de Yogaterapia para tal tratamento.

---

<sup>xvii</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=w4YTmf5h71Q>. Publicado em 07 de outubro de 2010. Acessado em 05 de janeiro de 2012.

<sup>xviii</sup> Idem.

<sup>xix</sup> Idem.

<sup>xx</sup> “[...] enunciados performativos que pretendem que aconteça aquilo que anunciam [...]” (BOURDIEU, 2010, p. 118).

<sup>xxi</sup> Disponível em: <http://assembleiadeusleiria.com/desmascarando-o-oculto-yoga>. Acessado em 05 de janeiro de 2012.

<sup>xxii</sup> Ver artigo publicado em 2004 “Entre a Cruz e o Ásana” na Revista de Estudos da Religião.

<sup>xxiii</sup> Disponível em: <http://assembleiadeusleiria.com/desmascarando-o-oculto-yoga>. Acessado em 05 de janeiro de 2012.

<sup>xxiv</sup> Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv1\\_2001/p\\_usarsk.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/p_usarsk.pdf). Acessado em 05 de janeiro de 2012.

<sup>xxv</sup> Tal notícia foi publicada no dia 26 de novembro de 2011. Disponível em: <http://noticias.gospelprime.com.br/sacerdote-especializado-em-batalha-espiritual-condena-pratica-da-yoga-e-leitura-de-harry-potter/>. Acessado em 05 de janeiro de 2012.

<sup>xxvi</sup> Disponível em: <http://padreharoldo.blogspot.com/p/yoga-crista.html>. Acessado em 05 de janeiro de 2012.

<sup>xxvii</sup> Entrevista de Jean-Paul Sartre sobre a peça Huis Clos (gravado em 1965). O endereço eletrônico e data de acesso encontram no final do trabalho.

<sup>xxviii</sup> Disponível em: <http://vidaespiritual.maitetosta.com.br/catlico-pode-fazer-yoga/>. Acessado em 15 de março de 2012.

## **Bibliografia consultada**

APOLLONI, Rodrigo Wollf. Entre a Cruz e o Ásana. São Paulo: PUC/SP. n. 3. 2004. pp. 50-73.

BARBOSA, Carlos Eduardo. Os Yogasutras de Patañajali. Traduzidos do sânscrito e comentado. São Paulo, 1999.

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o Ofício do Historiador. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. O Poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. 13<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

DE ROSE. Tratado de Yôga. São Paulo: ed. Nobel, 2007.

ELIADE, Mircea. Yoga: imortalidade e liberdade. 4. ed. São Paulo Ed. Palas Athena, 2009.

---

FEBVRE, Lucien. Combates pela História. 3°. Ed., Lisboa: Editorial Presença, 1989.

GNERRE, Maria Lucia. Identidades e paradoxos do yoga no Brasil: caminho espiritual, prática de relaxamento ou atividade física? In: Fronteiras. Dourados: UFGD/MS. v. 12. n. 21, jan/jun. 2010. p. 247-270.

FERNANDES, Edrisi; ROCHA, Vera Maria. A imagem do Yoga como terapia e como ginástica: uma construção ocidental. In: Vivência Artigos. Rio Grande do Norte, 2005, n. 29, p. 311-326.

FEUERSTEIN, George. A tradição do Yoga. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: ed. Pensamento, 2006.

GNERRE, Maria Lucia. Identidades e paradoxos do yoga no Brasil: caminho espiritual, prática de relaxamento ou atividade física? In: Fronteiras. Dourados: UFGD/MS. v. 12. n. 21, jan/jun. 2010. p. 247-270.

GNERRE, Maria Lucia; SCHENKEL, Klara Maria. Passatempo relaxante, caminho espiritual ou esporte radical? Algumas representações discursivas do Yoga no Ocidente. Religare. João Pessoa: UFPB/PB. v. 8. n. 1, março de 2011. p. 23-34.

GULMINI, L. C. O Yogasutra, de Patañjali – tradução e análise da obra, à luz de seus fundamentos contextuais, intertextuais e lingüísticos. 2002. 455 p. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2002.

KALYAMA, Acharya. Yoga – repensando a tradição. São Paulo: Ibrasa, 2003.

KUPFER, PEDRO. História do Yoga. 2. ed. Florianópolis: Fundação Dharma, 2000.

TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do outro. 3°. Ed. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TODOROV, Tzvetan. Nós e os Outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

USARSKI, Frank. A retórica de aniquilação – uma reflexão paradigmática sobre recursos de rejeição a alternativas religiosas. São Paulo: PUC/SP. n. 1. 2001. pp. 91-111.

### **Entrevista de Sartre sobre a peça Huis Clos (gravado em 1965):**

Disponível em: [https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:--3FtSZ05MMJ:www.reinerio.kit.net/inferno.doc+o+inferno+s%C3%A3o+os+outros&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShDEMDm7q7mu\\_JHDR5YiJfp5kWY4Te0y0iauSGEKnBiX1pRt\\_g5ueSurackVeuoOAWpo3PuYgXZBmn09ZHpXwR\\_1xNz-](https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:--3FtSZ05MMJ:www.reinerio.kit.net/inferno.doc+o+inferno+s%C3%A3o+os+outros&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEEShDEMDm7q7mu_JHDR5YiJfp5kWY4Te0y0iauSGEKnBiX1pRt_g5ueSurackVeuoOAWpo3PuYgXZBmn09ZHpXwR_1xNz-)

---

M51opZJSkDV33ag06Ho518QowNTzB8Cc6YecLxX41G&sig=AHIEtbTExlOkyZCvsjo  
M2ExHZ65g0zoWmQ. Acessado em 15 de março de 2012.